

MOACYR SCLIAR

A nossa frágil condição humana

Crônicas judaicas

Organização e prefácio
Regina Zilberman



Copyright © 2017 by herdeiros de Moacyr Scliar
Copyright da organização e do prefácio © 2017 by Regina Zilberman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Victor Burton

Imagen de capa
© yulianas/ Shutterstock

Preparação
Maria Fernanda Alvares

Revisão
Nana Rodrigues
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Scliar, Moacyr, 1937-2011
A nossa frágil condição humana : crônicas judaicas / Moacyr Scliar ; organização e prefácio Regina Zilberman. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2863-1

1. Crônicas brasileiras 1. Zilberman, Regina, II. Título.

16-00160 CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:
1. Crônicas : Literatura brasileira 869.8

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Sumário

O olhar mágico de Moacyr Scliar — Regina Zilberman, 9

- A nostalgia de Hitler, 23
- O sobrevivente, 26
- Barco na correnteza, 29
- Os pratos da balança, 33
- Uma lição para todos nós, 35
- Das ruínas de Beirute, 39
- A voz dos profetas, 41
- O judaísmo em Kafka, 43
- Diário de bordo, 46
- Passado e presente, presente e passado, 51
- A Inquisição revisitada, 53
- Quarenta anos depois, 57
- A arte da barganha, 60
- Loucura e método, 62
- Do Éden ao divã: o humor judaico, 64
- Um passo para a paz, 68

- Harpas e bombas, 70
Enfim a pomba da paz voa sobre terras bíblicas, 73
O escorpião e o besouro, 76
Tirando os esqueletos do armário, 78
É o ano da paz?, 81
A crescente maré do fanatismo, 84
O difícil jogo do Oriente Médio, 86
Em busca da terra prometida, 88
Atentados ferem a paz em Israel, 90
A utopia em crise, 92
O ônibus e a vida, 94
A lógica do terror, 97
Os dilemas do povo do livro, 100
As amargas vinhas da ira, 105
Quando piora, melhora, 107
Duelo histórico em paisagem bíblica, 109
Esperando surpresas melhores, 112
A língua do país chamado memória, 114
Netanyahu estuda a retirada militar, 118
A difícil arte da barganha, 120
Equívocos e acertos encravados no Brasil, 122
Oriente Médio: linhas e entrelinhas, 126
Médicos e monstros, 128
Israel transforma lenda em realidade, 130
Gesto de grandeza, 134
“Precisamos de paz para nossa prosperidade cultural”, 136
Os estranhos caminhos da história, 139
O difícil caminho do entendimento, 142
Uma cálida noite de outono de 48, 144
As múltiplas linguagens da literatura judaica, 146
Os insólitos, comoventes, caminhos da paz, 149
Um patriarca no deserto, 151

- O triunfo da justiça, 153
E agora?, 155
Mensagem de paz, 157
Romeu e Julieta 2001, 159
Mandem o trem pagador, 164
Pequena serenata pela paz, 166
Holocausto e literatura, 168
Mensagem de esperança, 173
O aprendizado de Lenny Kravitz, 175
O mercador de Veneza, 177
Controvérsia viva, 180
Em busca da tolerância, 185
Uma reabilitação histórica, 188
A nossa frágil condição humana, 191
E se Israel tivesse perdido a guerra?, 193
Uma lição de vida, 196
Israel, sessenta anos, 199
A voz do profeta, as vozes da paz, 202
Valsa triste, 204
Crimes e erros, 207

A nostalgia de Hitler

[03/10/1977]

Se Adolf Hitler tivesse vivido entre os elefantes, até hoje ele estaria sendo lembrado. Mas ele viveu entre seres humanos — uma espécie que, aparentemente, tem memória curta. As notícias o demonstram: não só existe hoje na Europa uma quase total ignorância a respeito do nazismo, como a figura de Adolf está agora revestida de uma auréola mágica. “Adolf Hitler, Superstar” — diz uma revista europeia. Um Führer glamorizado reaparece agora em livros e filmes. As suásticas reaparecem. Há partidos neonazistas em várias partes do mundo. E na Argentina tivemos, até há pouco tempo, uma onda de antisemitismo de inspiração nitidamente nazi, para o qual o caso Gralver (o financista que girava com o dinheiro dos montoneros) serviu de estopim.

Será que o nazismo está voltando? — me perguntaram jovens estudantes a quem, faz umas semanas, dei uma palestra. Na realidade, o nazismo nunca desapareceu totalmente; sob disfarce, ele permanece vivo e atuante em várias partes do mundo. Onde quer que tenhamos a intolerância, a repressão, o racismo, o velho Adolf estará presente, em espírito. Na Rodésia, por exemplo, ele

estaria bem à vontade. Nem por isso, contudo, devemos ficar paranoicos. O Terceiro Reich não foi um episódio isolado, uma espécie de praga que se abateu sobre a humanidade; foi um movimento com raízes socioeconómicas e psicológicas perfeitamente identificáveis. Foi, em resumo, a expressão do desespero de forças económicas acuadas. Atualmente, a direita (da qual o nazismo é o expoente máximo) não parece tão desesperada assim. Nem os povos estão despreparados. Os tempos são outros; mas isso não nos deve dar descanso. Ao contrário. Precisamos falar no assunto, discuti-lo tanto quanto possível. Os totalitários se refugiam no silêncio e nas sombras.

Mas enfim, já que a moda Hitler está aí, e já que muita gente está faturando em cima do assunto, aqui vão algumas sugestões a respeito de como aproveitar a popularidade de Hitler — especialmente na sociedade de consumo, capaz de comercializar qualquer coisa.

Eis alguns lançamentos de sucesso garantido:

— Fogões a gás Terceiro Reich: extremamente limpos, silenciosos e económicos. Equipados com forno crematório.

— Uma dança para entrar na moda: o rock de Adolf. Um passo adiante, vários para trás. Uma volta para a direita. Um discurso inflamado. Termina com o fuzilamento do parceiro.

— Reich-Ball: é um jogo semelhante ao futebol, só que jogado em campo de concentração, rodeado de cercas eletrificadas. Uma vantagem desse jogo é que as equipes estão permanentemente concentradas, o que lhes dá uma disciplina invejável. O jogo, apesar do nome, não tem bola. Consiste em empurrar os adversários para câmaras especiais onde eles... Bom, seria de mau gosto descrever, ganha o time que consegue ter maior número de sobreviventes.

— Manteiga Blitzkrieg: não existe. O Terceiro Reich prometia canhões em vez de manteiga, lembram? A caixa de man-

teiga Blitzkrieg contém canhõezinhos em miniatura para as crianças brincarem. É educativo e não aumenta o colesterol, como a manteiga comum.

— Clínicas Mengele: o dr. Mengele, que trabalhava com cobaias humanas (injetava corantes nos olhos de crianças para torná-los azuis), bem que poderia abrir uma rede de clínicas para o tratamento dos indesejáveis.

— “Solução final”: um coquetel explosivo, à base de ácido cianídrico e napalm. Pode ser uma interessante variante nas festinhas de embalo.

Macabro, tudo isso? Pode ser. Em matéria de mau gosto não se compara com as fotografias (autênticas) dos novos nazistas empunhando bandeiras com suásticas.

O sobrevivente

[07/05/1978]

Vocês já devem ter encontrado com ele na rua, ou num ônibus, ou no cinema, ou numa churrascaria. Provavelmente sua figura não lhes chamou a atenção: um homenzinho pequeno, magro, de óculos, de uns sessenta anos, igual a todos os homenzinhos sessentões, pequenos, magros e de óculos, que andam por aí. É verdade que ele tem jeito de estrangeiro e fala com sotaque — mas afinal, os estrangeiros não são raros em nosso estado.

Da próxima vez que vocês o encontrarem, reparem melhor nele. Vocês verão que tem um tique nervoso: às vezes aperta os lábios, como se estivesse se contendo para não dizer algo, ou talvez para não gritar. Reparem que suas mãos tremem um pouco quando acende o cigarro. Aliás, ele fuma demais: os dedos estão manchados de alcatrão. E notem o jeito furtivo com que olha para os lados. De que tem medo? De que alguém o esteja seguindo?

Isso é o que vocês veem, mas há mais, e vocês bem podem imaginar. Que esse homem dorme mal, é fácil de deduzir; que ele rola na cama de um lado para o outro, que ele fala durante o

sono, tudo isso é previsível. Vivemos num mundo conturbado, e não são poucas as pessoas angustiadas, perseguidas por pesadelos que resistem aos tranquilizantes e ao álcool.

Contudo não são problemas familiares que esse homem tem, ou dificuldades com os negócios. Há outras coisas que o inquietam, e destas vocês não sabem.

Vocês não sabem que o homenzinho pequeno, magro e de óculos, estremece cada vez que lê nos jornais notícias sobre o reaparecimento do nazismo na Europa, ou nos Estados Unidos, ou na América Latina.

Estremece quando vê publicados trechos dos *Protocolos dos sábios de Sião*, obra forjada pela política tsarista, atribuindo aos judeus uma conspiração para dominar o mundo.

Esse homem estremece cada vez que ouve no rádio notícias sobre prisões arbitrárias. Sobre torturas de prisioneiros. Sobre massacre de populações indefesas. Sobre o surgimento de novas e terríveis armas de destruição. São notícias que o inquietam, que o fazem sofrer e que ele não consegue esquecer, apesar de ir ao cinema, de ver novelas na televisão, de ler revistas humorísticas, de passar as férias na praia. Mas quem é esse homem, afinal?

Pouca gente sabe. O nome dele não é desconhecido; é um nome complicado, mas não em código. Um nome, porém, pouco ou nada diz da pessoa. E dessa pessoa pouco se sabe. É europeu, mas de que país? Por que saiu de lá? O que lhe aconteceu para que tenha pesadelos?

Dizem que ele passou pela guerra. Dizem que lutou no gueto de Varsóvia contra os nazistas. Dizem que esteve num campo de concentração, que sofreu fome e foi torturado. Dizem que tem gravado na pele do braço um número — o seu número de prisioneiro. Isso é o que dizem. Pode não ser verdade. Pode ser pura invenção.

Mas o número está lá. O número está no braço do homem.

Embora ele procure ocultá-lo, às vezes se distrai e o número aparece.

Perguntem ao homem sobre esse número. Ele ficará confuso, procurará desconversar. Por fim dirá:

— Isto? Não é nada, não. É o número de meu telefone. É que eu sou muito esquecido, sabe? Muito, muito esquecido.

Barco na correnteza

[09/08/1978]

A coisa parece em ritmo de escalada: a OLP instala um escritório no Brasil. Arafat conversa com Kreisky (que por sinal é judeu) e com Brandt. Carter compara as reivindicações dos palestinos à luta pelos direitos civis — e por cima de tudo o poder do petróleo aumentando. Muita gente surpresa com o rumo dos acontecimentos. E com razão. É mesmo surpreendente.

Nestes dias, tenho me lembrado de um livro que li quando era garoto e que me ficou gravado na memória. Era da Terramar, uma coleção de aventuras, e chamava-se *Os negreiros da Jamaica*, de um Mayne Reid. Sendo uma obra de aventuras, tinha mocinhos — um jovem fazendeiro inglês e sua bela e loira namorada — e vilões. Um deles, um feiticeiro indígena. O outro: um traficante de escravos, tipo sinistro, um velho de nariz adunco, sempre vestido de preto e com um guarda-chuva. Um judeu, como o autor assinalava repetidamente no decorrer da história, que termina, como seria de esperar, com o castigo dos bandidos. Uma cena emocionante: o feiticeiro e o traficante estão, por alguma razão que já não me lembro, num barquinho que ameaça

virar a qualquer instante num rio encachoeirado. O feiticeiro resolve se salvar de qualquer maneira. Para diminuir o peso do barco, agarra o judeu (como uma aranha à mosca, dizia Mayne Reid) e atira-o à correnteza! Providência inútil, porque a embarcação acaba naufragando de qualquer maneira — pelo visto, o peso do judeu não fazia muita diferença.

Lembro-me de ter ficado revoltado com essa narrativa. Esse safado é um antisemita, pensei do autor; antisemita e mentiroso.

Mas não era mentira. Mais tarde descobri que realmente muitos dos traficantes de escravos na Jamaica eram judeus — aliás, saídos do Brasil com a expulsão dos holandeses. O que me deixou consternado. Judeus traficando com escravos, aquilo me parecia inconcebível. Amadureci um pouco mais e acabei aceitando o fato. Sim, os judeus tinham se envolvido neste tipo de comércio. E por que não? Os judeus são como qualquer outra pessoa. Além disso, à época esse era um ramo de atividades perfeitamente normal. E mais ainda: um ramo de atividades no qual os judeus eram obrigados a se introduzir — ninguém permitiria que se tornassem proprietários de terras, por exemplo. E mais ainda: alguém comprava os escravos com que judeus negociavam. Inclusive o jovem fazendeiro inglês, de tão nobre estirpe. A hipocrisia de Mayne Reid, como de resto a dos antisemitas em geral, estava em ter escamoteado esses fatos. Em ter negado a História.

Mas, voltando ao livro, creio que muitos de nós têm a sensação de que o feiticeiro — o Ocidente, e Carter em particular — quer atirar o judeu à água para salvar a sua canoa das águas turbulentas da crise energética. É uma visão pessimista, mas que talvez não se justifique. Houve época em que Israel estava totalmente voltado para os Estados Unidos. Lembro-me de que um senador chegou a propor — a notícia saiu no *Time* — que Israel se transformasse num estado norte-americano, uma espécie de

Alasca do Oriente Médio. Os tempos já não são mais esses. Israel está hoje decisivamente envolvido na região. Pode, segundo alguns, estar do lado errado, especialmente no que se refere ao Líbano — mas pelo menos está claro que o destino do Estado agora vincula-se ao dos povos vizinhos. Se a realidade palestina está se impondo, graças ou não ao petróleo, a realidade israelense está definitivamente consolidada, por mais que os líderes palestinos queiram negar a “entidade sionista”. E está consolidada graças aos princípios que presidiram à construção do Estado, e que são, fundamentalmente, princípios de justiça, de igualdade e de fraternidade, derivados dos profetas bíblicos e dos grandes reformadores de que foi tão rico o jornalismo. Esses princípios não são palavreado teórico; concretizaram-se em experiências tão avançadas quanto o kibutz e a sociedade de bem-estar social que hoje caracteriza Israel.

Ninguém atirará os israelenses às águas — nem do rio, nem do mar. Bem que os (vários) feiticeiros gostariam; mas, para isso, seria preciso que Israel aceitasse o papel de traficante do poder. Esta, sim, é uma opção séria, não só do ponto de vista moral, como também do ponto de vista da própria sobrevivência do Estado. Israel não pode ser gendarme no Oriente Médio. Nem patrão. Seria um erro tremendo. Não é por causa de religião que os povos brigam, nem por lugares sagrados. Se à religião e à posse dos lugares sagrados se associa a dominação econômica, o que frequentemente ocorreu no Oriente Médio, aí sim estará deflagração o conflito. É uma opção política e econômica. Nesse sentido, é bom lembrar a expressão de Martin Buber, que tanto se dedicou à causa da paz: uma política imoral é também uma política burra. Aliás, basta lembrar o recente caso das armas de Somoza: uma transação imoral e um mau negócio, já que, segundo foi noticiado, essas armas não serão pagas.

Bem, se dirá, mas é difícil opinar de longe. Talvez. Talvez

seja mais fácil opinar de longe, graças a uma melhor perspectiva. De qualquer modo, de longe podemos, pelo menos, torcer. E vamos torcer para que o barco de Israel — e do Oriente Médio — chegue em paz a seu destino.